

A ESCOLA MÉDICA DO CAMPO SANTANA

LUIZ DA SILVEIRA BOTELHO

RESUMO

A Escola Médica do Campo Santana foi construída no local onde existiu a Praça de Touros. Veio substituir o edifício da Escola médico-cirúrgica de Lisboa, na cerca do Hospital de S. José cuja degradação ameaçava ruína. Apesar deste receio as obras foram demoradas e só passados vinte anos do começo da construção, foi possível o início das aulas no novo edifício. Este, constituiu um imponente imóvel no qual colaboraram os melhores artistas da época, destacando-se os painéis de Veloso Salgado na sala dos Actos, os azulejos de Jorge Colaço nos Passos Perdidos e os quadros de Columbano na sala do Conselho. Evocam-se algumas efemérides aqui vividas. Com a transferência dos estudos médicos para o Hospital de Santa Maria, o edifício do Campo Santana sofreu um período de abandono que só foi interrompido com a criação em 1977 da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa.

SUMMARY

The Medical School of Campo Santana

The Medical School of Campo Santana was built on the site where the bullring once stood. It replaced the Medical-Surgical School of Lisbon, in the vicinity of S. José Hospital, which was in a state of impending ruin. Despite this concern, construction was slow and only twenty years after laying the first stone was it possible to begin lectures in this new building. It is a majestic edifice with contributions by the best artists of the era: panels by Veloso Salgado in the Actos Room, tiles by Jorge Colaço in Passos Perdidos, and paintings by Colombano in the Council Room. Reference is made to some historical events which took place in this building. With the transfer of medical studies to Santa Marta Hospital, the Medical School of Campo Santana suffered a period of neglect which ended with the founding of the Faculty of Medical Sciences of Lisbon in 1977.

O Hospital de Todos-os-Santos, menos recordado como Hospital d'EI-Rei e Hospital dos Pobres, simboliza o germe onde os estudos médicos lisboenses tiveram início e continuidade (1492).

Nas experiências anteriores - o período medievo da Medicina monástica, a Universidade de D. Diniz fundada na régia cidade de Lisboa (1290) e a época em que o Infante D. Henrique foi Protector do Estudo em Lisboa (1418) - as ciências aprovadas não individualizavam disciplinas médicas e pouca importância teria, neste tempo, um estabelecimento de ensino que tão facilmente e com tanta frequência se transfere duma cidade para outra.¹

O Regimento promulgado por D. Manuel (1504), decalcado em directrizes recomendadas por D. João II, consagra regras que podem considerar-se pioneiras.²

Assim:

A obrigação do cirurgião residente no hospital de dar aos seus ajudantes uma hora de Anatomia, representa a origem remota do ensino desta matéria.

A visita clínica efectuada na sala do Banco aos doentes externos que recorriam ao hospital, constitui os primórdios de um serviço de urgência.

A anotação diária e personalizada das prescrições medicamentosas e alimentares aos doentes internados, prefigura o futuro formulário terapêutico.

Na transição do Hospital de *Todos-os-Santos* (Fig. 1) para o Hospital de S. José, Manuel Constâncio - grande professor, perito anatomista e sábio cirurgião, iluminou com o seu saber, o ensino e a clínica da segunda metade do século XVIII. Com Pina Manique, o feroz intendente, e sob a protecção de D. Maria I, foram enviados bolseiros para Inglaterra e Dinamarca, revelando o propósito de ambos para a renovação da Medicina entre nós.

Constâncio não chegou a ver realizado o seu sonho da fundação duma Escola de Cirurgia, condigna da ciência do tempo, mas preparou com o seu ensino os mestres para essa Escola quando ela veio a ser criada.

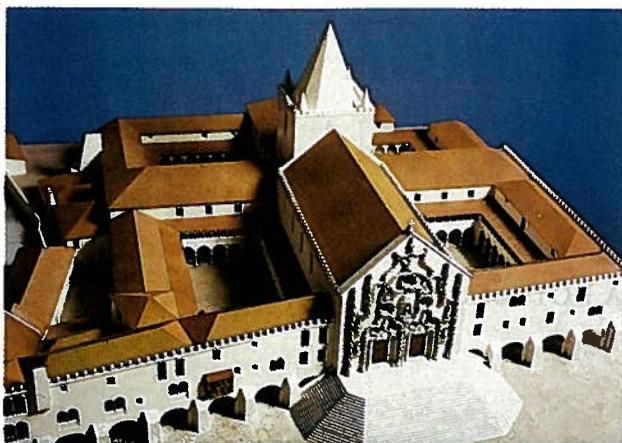


Fig. 1 – Hospital de Todos-os-Santos

Pertenceu a *D. João VI* essa realização. Por influência de *Teodoro Ferreira de Aguiar*, cirurgião-mor do reino, foram criadas em 1825 as Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e Porto, com uma escolaridade de cinco anos, que marcaram um avanço significativo na graduação médica. A vida e obra dos primeiros mestres da Escola de Cirurgia foram estudadas pelo fecundo historiador médico Augusto da Silva Carvalho³. Desse trabalho, em grande parte com informações inéditas, infere-se que José Lourenço da Luz, o primeiro cirurgião português da sua época, e A. J. Lima Leitão, lente de clínica médica e um dos mais ilustres escritores do seu tempo, foram os mestres mais celebrados da Escola de Cirurgia, *podendo afirmar-se que o espírito do ensino foi a observação, a grande arma do clínico, e que os doentes. são e serão sempre os mestres dos mestres.*

Com a remodelação que dá origem às Escolas Médico-Cirúrgicas, (doze anos depois), acabou a subalternização dos cirurgiões em relação aos médicos e desenvolveram-se novas disciplinas. Promulgado o decreto por *D. Maria II*, da responsabilidade de Passos Manuel, teve em Bernardino António Gomes, filho, o autor dos programas escolares. *Este insigne médico, cujo valor não é inferior ao de seu pai, foi quem primeiro personificou o homem da ciência, cuja vastidão na obra e seu alcance social na profissão médica, ninguém excedeu.*⁴ (Fig. 2)

Nesta Escola que abrangeu o período que vai de 1838 a 1911 muitos outros mestres se distinguiram, basta apenas citar os nomes de Sousa Martins, Magalhães Coutinho, Serrano, Manuel Bento de Sousa.

Mas era profundo o contraste com a deficiência das instalações! No propósito de melhorar as precárias condições em que se fazia o ensino nas enfermarias de S. José, quando a Escola Médico-Cirúrgica foi criada, aproveitou-se um edifício que pertencera aos frades arrábidos, situado na cerca do hospital. O imóvel estava bastante degradado e houve que fazer obras e ampliar as instalações. Nos dois andares do edifício, em forma de L, começaram a partir de 1856 a ministrar-se as aulas teóricas, enquanto o ensino prático continuava a processar-se nas enfermarias bafientas de S. José. No côncavo entre as duas partes do edifício construiu-se o Teatro Anatómico e no prolongamento da cerca plantou-se um *Horto botânico* que pela extensão e riqueza



Fig. 2 – D. João VI - Teodoro Ferreira de Aguiar, D. Maria II - Passos Manuel

das espécies medicinais representava uma novidade de muito apreço.

Apesar das obras, o edifício da Escola Médico Cirúrgica tinha poucas condições para nele se praticar o ensino. A degradação foi-se acentuando e já no anuário da Escola de 1890-1891, Miguel Bombarda se refere ao receio de desabamento que o estado do edifício inspirava, do abandono, por incapacidade de utilização, de cerca de 2/3 das instalações dos numerosos espíques de madeira que pretendiam impedir a derrocada.⁵

Campanhas nos jornais denunciaram esta situação e os poderes públicos tomaram consciência da necessidade de se construir um edifício novo para a Escola Médica de Lisboa.

Foi escolhido o local no Campo Santana onde,² em 1831 a 1889, existiu a praça de touros (Fig. 3) que antecedeu a do Campo Pequeno. Neste campo do curral, o ministro do reino – conselheiro António Cândido – assistiu, em 1890, ao lançamento da primeira pedra para as futuras instalações. Mas as obras decorriam com grande lentidão: dificuldades económicas e desinteresse político permitiram que durante mais vinte anos o ensino médico se fizesse nas condições mais deploráveis. Por oposição, pode referir-se que neste intervalo de tempo se ergueram o primeiro e segundo monumentos a Sousa Martins e se construiu o Instituto Bacteriológico.

Em 1906 o edifício da nova Escola Médica teve uma inauguração simbólica para a realização das sessões Científicas do XV Congresso Internacional de Medicina.

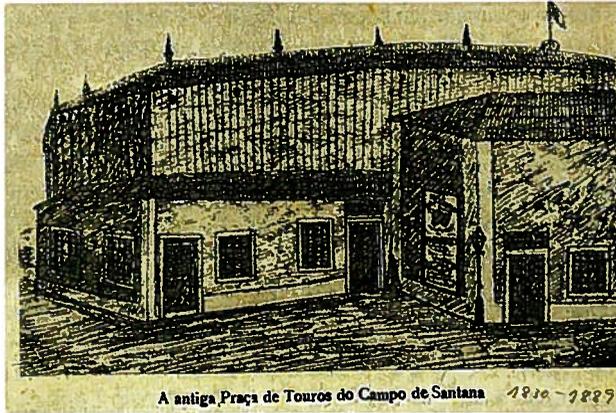


Fig. 3

Houve o compromisso da parte do Governo de ter as obras da Escola concluídas a tempo da realização do congresso, o que, apesar de muitas dificuldades, se conseguiu graças à boa vontade do ministro do Reino e Presidente do Conselho, conselheiro Hintze Ribeiro, e à férrea determinação de Miguel Bombarda.

Só a partir de 1911, coincidindo com a implantação do regime republicano, começou o ensino a fazer-se no novo edifício do Campo Santana. A criação das Universidades de Lisboa e Porto, onde se integraram as Faculdades de Medicina, em igualdade de direitos, deveres e regalias, foi determinante no progresso científico verificado.

A reforma que deu concretização às Faculdades de Medicina em Lisboa e no Porto foi devida ao patrocínio do médico António José de Almeida, ministro do Interior do Governo e futuro Chefe do Estado, que assim pôs termo às rivalidades entre a Universidade de Coimbra e as Escolas de Lisboa e Porto que desde esse tempo se degladiavam em luta pertinaz.

O novo edifício da Escola Médica constitui um imóvel imponente que alia o equilíbrio de proporções a um agradável conjunto de fachada com acentuada dignidade.

As directrizes foram dadas por uma comissão de Mestres da Escola Médico-Cirúrgica, constituída por Arantes Pedroso, Bettencourt Pita, Curry Cabral e Miguel Bombarda, razão pela qual os nomes destes professores são recordados no tecto do gabinete real. O projecto do edifício deve-se ao Eng.º Joaquim de Paiva Cabral Couceiro e ao arquitecto José Maria Nepumuceno.

Pintores, escultores e decoradores do melhor quilate, e que representam grandes artistas do dealbar do século, colaboraram no embelezamento desta casa. Foram eles: Malhoa, Veloso Salgado, Teixeira Lopes, Alves Cardoso, Costa Mota, António Ramalho, João Vaz e Moreira Rato.

O exterior do edifício era adornado de medalhões, esculpidos por Moreira Rato, que reproduzem médicos célebres portugueses ou que ensinaram no país em várias épocas da história da nossa medicina.

Deu lugar a discussão entre os professores da Escola a escolha dos doze antecessores mais notáveis. Foi aprovada uma lista de mestres apresentada por Serrano, que, com Ricardo Jorge, foram os que mais a peito tomaram o assunto.

Do lado Nascente do edifício ficavam: Constâncio; Monravá; Santucci; Guevara; Dufau; António Ferreira, e

do lado Poente, olhando para o Instituto Bacteriológico, colocaram-se os perfis de Santana; Bernardino António Gomes, pai; José Lourenço da Luz; António Gomes Lourenço; António de Almeida e António da Cruz. (Fig. 4)



Fig. 4

Estes medalhões foram retirados em 1854 para o Hospital de St.ª Maria, onde se encontram resguardados.

A entrada depara-se-nos um largo átrio, quadrangular, decorado com mármore de cores variadas, com três portas de cada lado, sendo a do meio e à esquerda, a que dá acesso ao primeiro andar.

Para lá do átrio entra-se num pátio pentagonal rodeado por um claustro bem equilibrado e proporcionado. Nas paredes deste claustro estavam registados os nomes de todos os lentes desde 1825.

Quanto ao topo norte do pátio, a meio, ergue-se o busto de Manuel Bento de Sousa, obra de Teixeira Lopes, e que já tinha sido inaugurado pelo Rei D. Carlos, quando da realização do Congresso Internacional de Medicina, cerimónia em que discursou Carlos Tavares. No pedestal do seu busto, gravou-se a legenda *Grande médico e mestre insigne*. Nestas poucas palavras se sintetiza o que foi, a personalidade superior de Manuel Bento de Sousa.

O fundo do pátio dá para um corredor largo que conduz a uma escada de duas rampas, de acesso aos andares superiores e inferiores, dando ligação ao anexo ocupado pela Anatomia, situado a nível mais baixo.

No rés de chão a poente do claustro, ficavam os domínios da Histologia e da Fisiologia, com um anfiteatro comum; a Nascente assentavam as instalações da Secretaria, Sala do Conselho e outro anfiteatro.

No primeiro andar, à frente ou Norte está o Salão Nobre e a Sala dos Passos Perdidos e havia a Nascente o rico Museu de Anatomia Patológica e a Poente a Biblioteca.

Do átrio de entrada ascende-se ao primeiro andar, através de uma escadaria nobre, rica em decorações. Em baixo uma estátua que representa a Minerva, e entre as colunas, encimando a escadaria, uma outra, em mármore, da autoria de Costa Mota e que representa a Ciência.

Nas paredes, dois frescos de Alves Cardoso, ilustrando actos operatórios: num Moreira Júnior assiste a uma parturiente, no outro Custódio Cabeça realiza um operação. Medalhões com retratos de Mestres da Escola Médico-Cirúrgica, da autoria de António Ramalho, ornamentam



Fig.5 – Painel com a figura de João Semana

as paredes. Estão representados: Abel (Abel Maria Dias Jordão) 1833 –1973; Cunha Viana (Francisco José da Cunha Viana) 1822 -1885; Teotónio (Joaquim Teotónio da Silva) 1822 -1897; Barbosa (António Maria Barabosa) 1825 - 1892; Serrano (José António Serrano) 1851-1904; Magalhães Coutinho (José Eduardo Magalhães Coutinho) 1815 - 1894; Arantes Pedroso (José António Arantes Pedroso) 1822 - 1897; Alvarenga (Pedro Francisco da Costa Alvarenga) 1826 - 1893.

No relatório da comissão escolar opina-se que o esboço da pintura mural da escadaria revela uma inspiração acertada. Busca os termos na própria medicina. O autor conjugou as exigências do assunto e da estética com rara felicidade.

Chegados à Sala dos Passos Perdidos deparamos com as paredes revestidas por grandes e belos painéis de azulejo, devidos à inspiração de Jorge Colaço.

Os painéis, em número de cinco, representam: a Rainha Santa entre os leprosos; a Rainha D. Amélia no dispensário de crianças em Alcântara; o Cirurgião Ambrósio Paré, socorrendo feridos de guerra; a ciência, afugentando a suprestição; o painel que representava a figura de João Semana, desapareceu misteriosamente (Fig. 5).

O tecto e as paredes foram decorados por João Vaz e os bustos que ali se encontravam de Arantes Pedroso e José António Serrano estão na sala do Conselho no Hospital de Sta Maria.

A Sala dos Actos foi a que mais controvérsia suscitou. O pintor Veloso Salgado pretendia evocar no Salão

Nobre a evolução da Medicina desde a idade mitológica; o Conselho da Escola preferia que se evocassem as fases e as figuras principais da medicina nacional.

Sobre o assunto foi elaborado um relatório no qual Ricardo Jorge⁹ sugeria ver emoldurados nos frisos do Salão Nobre as cenas gloriosas da medicina portuguesa, a história ilustrada da contribuição portuguesa nos progressos da ciência. Dizia ele: *a figura lendária de Fr. Gil de Santarém, onde se resume a Medicina Medieval, tão mística como profana e ao, mesmo par, santa e diabólica. O Fausto português daria uma página soberba de pintura.* Além do tema sobre Frei Gil de Santarém lembrava Ricardo Jorge no mesmo relatório, episódios relacionados com: Garcia da Orta, mostrando as drogas e simplices da Índia; Amato Lusitano, estudando as válvulas das veias; Rodrigo de Castro, prescuidando as moléstias femininas; Ambrósio Nunes, observando bobões da peste grande; Ribeiro Sanches, instaurando a medicina social; Manuel Constâncio, introduzindo e ensinando a Anatomia e a Cirurgia modernas; Bernardino António Gomes, pai, descobrindo os alcaloides da quina.

Prevaleceu o projecto de Veloso Salgado, no qual passa a história da medicina desde remotos tempos, de Galeno, a Pitágoras e Hipócrates, da medicina árabe à medicina europeia, com Harvey, Pasteur, e Garcia de Orta. Cada um destes painéis retrata as figuras mais proeminentes da Medicina. Com aspecto severo Esculápio sobrepuja a porta de entrada.

Ao fundo e ao alto, por cima da tribuna da presidência, destaca-se o retrato do rei D. Carlos, cuja imponência domina completamente o ambiente. É uma obra de mestre Malhoa.

Ainda segundo Ricardo Jorge *o painel destinado a resumir a medicina portuguesa limita-se a um número ressumidissimo dos seus egrégios representantes, que quase se acotovelam e estão a cavaleiro uns dos outros*⁹. Critica ainda o facto de a evocação da medicina portuguesa reproduzida pelo mesmo sistema de agrupamento discrónico, heterogéneo e inexpressivo. Não é essa a opinião dos críticos de arte que consideram os painéis de Veloso Salgado a suprema obra desta sala. (Fig. 6)

Ao lado, na antiga Sala Real com tecto de Malhoa, estão representadas a entrega dos planos da Escola à cidade de Lisboa e as insígnias das ordens militares portuguesas.

Na Sala do Conselho, ampla e espaçosa, situada nos rés-de-chão, à esquerda, quatro grandes telas a óleo de



Fig. 6 – Medicina Portuguesa

Columbano, retratavam os lentes da antiga Escola Médico-Cirúrgica, coevos da construção deste edifício.

Num topo: Eduardo Mota, Sabino Coelho, Oliveira Feijão, May Figueira, Ricardo Jorge (*Fig. 7*); no outro: Salazar de Sousa, Augusto de Vasconcelos, Francisco Gentil, José Gentil (*Fig. 8*); nas paredes laterais: – num lado: Curry Cabral, Miguel Bombarda, Silva Amado, Ferraz de Macedo, Bettencourt Pita (*Fig. 9*); no outro: Moreira Junior, Alfredo da Costa, Bettencourt Raposo, Bello de Morais, Carlos Tavares e Custódio Cabeça (*Fig. 10*).



Fig. 7 – Tela da autoria de Columbano.(Eduardo Mota, Sabino Coelho, Oliveira Feijão, May Figueira, Ricardo Jorge)



Fig. 8 –Tela da autoria de Columbano.(Salazar de Sousa, Augusto de Vasconcelos, Francisco Gentil, José Gentil)

A seguir à Sala do Conselho, o gabinete do Director e do Secretário onde se expunham os retratos de vários médicos e antigos professores.

Quer as telas de Columbano, quer estes retratos, estão actualmente no Hospital Escolar de Sta. Maria, na sala do Conselho e na antecâmara que lhe dá acesso.

Cerca de metade detes Mestres ainda foram ocupar os seus lugares na Nova Escola, os outros não sobreviveram a esta transferência.

De 1911 a 1953, o edifício do Campo Santana serviu como Faculdade de Medicina. Foi palco de numerosas efemérides das quais vou detacar algumas:

De 19 a 26 de Abril de 1906 os trabalhos científicos do XV Congresso Internacional de Medicina¹³ foram reali-

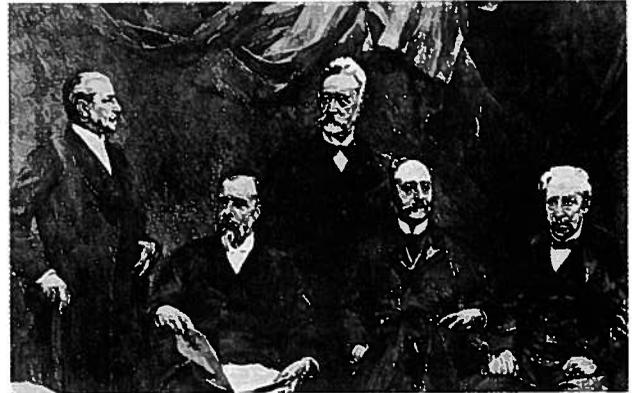


Fig. 9 –Tela da autoria de Columbano.(Curry Cabral, Miguel Bombarda, Silva Amado, Ferraz de Macedo, Bettencourt Pita)

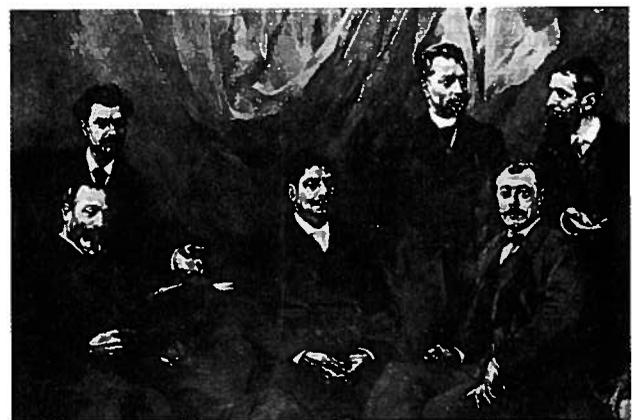


Fig. 10 – Tela da autoria de Columbano.(Moreira Junior, Alfredo da Costa, Bettencourt Raposo Bello de Morais, Carlos Tavares e Custódio Cabeça)

zados nas instalações da Escola Médica de Lisboa, então simbolicamente inaugurada. Concorreram ao Congresso figuras do maior destaque no meio médico internacional, sendo o número de congressistas superior a 2000.

O XV Congresso Internacional de Medicina foi um grande acontecimento da vida médica nacional, de que o nosso país saiu engrandecido e cujo retumbante êxito se deve à obra de Miguel Bombarda *ao seu formidável trabalho, à sua clara inteligência e ao seu talento organizador*. As actas do congresso constaram de 21 volumes, vindos a lume no prazo de um ano.

É curioso pensar que Ramon Y Cajal mostrou preparações histológicas do sistema nervoso no anfiteatro onde, depois e durante muitos anos, Mark Athias e Celestino da Costa desempenharam as actividades do seu fecundo professorado.

Dos votos emitidos pela comissão executiva do Congresso, duas conclusões têm transcendente importância:

1. A instituição de uma comissão internacional, tendo como objectivo a elaboração de um plano para o estudo do cancro. Daqui nasceu o interesse de Francisco Gentil para este tema, ao qual dedicou toda a sua vida.

2. A criação em Lisboa, de uma estação biológica para cientistas nacionais e estrangeiros. Deste voto surgiu a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e, indirecta-

mennte, a fundação do Aquário Vasco da Gama a que Celestino da Costa esteve ligado.

Não é infundado considerar que a vivência do XV Congresso Internacional de Medicina vocacionou muitos jovens médicos para o cultivo da investigação.

Durante o mês de Dezembro de 1925 comemorou-se o I Centenário da criação da Régia Escola de Cirurgia em Lisboa, cerimónia a que o Director da Faculdade, Azevedo Neves, deu o maior relevo.

Apesar de a duração da Escola Régia não ter ultrapassado uma dúzia de anos, é tão importante a viragem que representa no ensino e preparação prática dos futuros médicos que justifica a solenidade e grandeza das comemorações, mobilizadoras da maior parte das instituições científicas e culturais do país.

A íntima e confiada colaboração entre professores e estudantes teve um significado social e pedagógico extraordinário.

Das conferências e lições realizadas pelos Professores e Assistentes da Faculdade de Medicina de Lisboa resultou a publicação de mais de trinta monografias que constituem uma documentação científica apreciável. A maioria destes trabalhos foram apresentados nas instalações da Faculdade do Campo Santana, quer nos Anfiteatros, quer no Salão Nobre. Nesta sala tiveram grande repercussão as conferências realizadas por Leite de Vasconcelos sobre a medicina dos Lusitanos, de Egas Moniz sobre o Padre Faria na História do Hipnotismo e de Celestino da Costa sobre o ensino médico lisbonense.

Foram descerradas lápides comemorativas, mandadas colocar pela Faculdade de Medicina e pelos seus alunos no claustro e átrio da Faculdade.

A inauguração do busto de Miguel Bombarda, oferta de Francisco Gentil e da Exposição Médica Histórica juntou numerosa assistência.

Uma medalha comemorativa, com a efígie de Hipócrates permite recordar esta efeméride, assim como a publicação e oferta do trabalho do cirurgião setecentista António de Almeida sobre a *Arte de Curar*.

Como é de prever muito mais acontecimentos se podiam evocar:

- Homenagens a Pasteur e Egas Moniz
- Conferências de René Lérique, Askanazy, Gley, Fernando de Magalhães, Maranon e Abel Salazar, etc.
- Realização de vários congressos de Medicina.
- Inauguração de Sociedades Médicas e até à organização dos bailes anuais de quintanistas.

Porém, uma efeméride que tem muito mais de espiritual do que de notícia a recordar, é o grande relevo que teve para a Medicina de Lisboa o aparecimento da chamada geração de 1911. De facto, os importantes acontecimentos políticos, determinados pela implantação da República, deram acesso à grande reforma do ensino, com a criação das Universidades de Lisboa e Porto, equiparação das três faculdades de Medicina e provimento dos professores segundo as especialidades. Se acrescentarmos a adaptação do Hospital de Sta Marta a hospital escolar e a publicação

da Revista Lisboa Médica como órgão da Faculdade, temos criadas as condições propícias para surgir na Medicina lisboeta a geração de 1911. A esta geração pertencem Mark Athias, Henrique Vilhena, Silvio Rebelo, Pinto de Magalhães, Anibal de Bettencourt e Azevedo Neves, destacando-se entre todos A. Celestino da Costa e também Francisco Gentil a quem se deve a criação das especialidades médicas. Egas Moniz, Sobral Cid, Júlio de Matos e Gama Pinto entraram para a Escola de Lisboa nesta data, mas já eram mestres consagrados.

Na opinião de Juvenal Esteves sem o espírito desta geração, sem o seu comportamento mental e intelectual, sem o ideário e exemplo, não teria sido possível a evolução ulterior da nossa Medicina no sentido de uma aproximação e colaboração da medicina universal. Cronologicamente posteriores são o *universalismo da cultura*, com Reynaldo dos Santos, e a *Medicina Renovada* de Pulido Valente. Iguamente estes Mestres pertencem aos grandes e definitivos valores da cultura portuguesa.

A partir de 1954 os serviços escolares foram transferidos para o hospital de Santa Maria. Foram projectados vários planos para a ocupação do edifício, mas o período de degradação que se inicia quase leva à ruína. A odisseia por que passou nesta fase é para esquecer. As obras de restauro que se iniciaram em 1973 evitaram a derrocada. Na reconstrução da Faculdade de Medicina do Campo Santana teve papel de grande relevo A. Torres Pereira, catedrático de F. M. L.. Teve a colaboração dedicada e proficiente do Arquitecto Pardal Monteiro.

Devido aos esforços de J. A. Esperança Pina voltou a ser Escola Médica em 1977 e em igualdade de circunstâncias com a Faculdade de Medicina de Santa Maria, honrando as tradições de que também é herdeira.

Com um passado que lhes é comum, bem podiam as duas Faculdades de Medicina criar um gabinete cultural de estudos médicos em que o passado, o presente e o futuro possam ser pesquisados, analisados e perspectivados !...

BIBLIOGRAFIA

1. CAETANO M: Documentos da Universidade de Lisboa . Lisboa 1960
2. NOGUEIRA LA: Esparços - Coimbra 1934
3. BARBOSA SUEIRO: Manuel Constâncio
4. SILVA CARVALHO A: A régia Escola de Cirurgia de Lisboa. Lisboa 1926
5. BOMBARDA M: Anuário de Escola Médico-Cirúrgica - ano 1900/1901
6. NEVES S: A Faculdade de Medicina de Lisboa - Olisipo. 18 de Dezembro 1938
7. SACADURA SC, MACHADO JTM: As andanças do ensino médico na capital - O Médico, nº 697 - 1965
8. MARTINS FO: Evolução das origens da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa - Olisipo. 27 de Novembro de 1976
9. JORGE R: Acta da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. 19 de Abril de 1902
10. Ilustração Portuguesa: A velha e a nova Escola Médica, 2a série nº 4. 10 de Março de 1906
11. PEREIRA AT: A segunda Faculdade de Medicina de Lisboa . O Médico, 1974: LXXIII: 79 - 89
12. ESTEVES J: Anamnésis - Lisboa 1992